

## Identidade e desterritorialização na sociedade hipermoderna: o caso suricate seboso

João Eudes Portela de SOUSA<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo discute como conceitos de identidade, cultura e desterritorialização, podem contribuir para os estudos de uma sociedade globalizada que hoje parece fazer o caminho inverso do que grande parte dos estudiosos acreditavam, aproximando os sujeitos. É relevante retomar alguns conceitos de etnocentrismo, identidade cultural, hierarquias sociais e culturais, globalização e *internet*, para podermos aplicá-los num estudo de uma cultura tecnologizada para que se possa compreender como a sociedade, contemporânea influenciada pelos novos modelos de comunicação, vem transformando a vida e os espaços sociais, sendo influenciadas pelas novas tecnologias. O objetivo deste trabalho é provocar uma reflexão nos conceitos e formas que englobam a relação do sujeito no ambiente real e virtual e como se configura essa sociedade diante de um determinismo tecnológico.

**Palavras-chave:** Desterritorialização; Identidade; Cultura; Globalização; Internet.

### Abstract

This article discusses how concepts of identity, culture and dispossession, studies can contribute to a global society today seems to go the opposite way of that most scholars believed, approaching the subject. It is important to resume some concepts of ethnocentrism, cultural identity, social and cultural globalization and internet hierarchies, so we can apply them in a study of a technologized culture so that you can understand how society today influenced by new models of communication has transformed life and social space being influenced by new technologies. The objective of this work is to provoke a reflection on the concepts and forms that encompass the relationship of the subject in real and virtual environment, and as if that society sets forth a technological determinism.

**Keywords:** Deterritorialization; Identity; Culture; Globalization; Internet.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Professor do Instituto Federal do Ceará. E-mail: joaoportelas@gmail.com.

## Introdução

As novas tecnologias têm proporcionado mudanças no Brasil e no mundo. Vivemos em uma sociedade midiaticizada e, por meio dessas novas possibilidades e diversos formatos de comunicação e informação, a sociedade em rede tem possibilitado novas experiências e vem desempenhando papéis importantes na maneira de se relacionar e se enxergar como sujeito. Com a influência da mídia e o uso das novas tecnologias sociedade e cultura tem se transformado, abrindo lacunas, fechando espaços, revolucionando a arte de se comunicar, se reconhecer e se identificar.

Neste trabalho, estudaremos à luz de diversos autores como Denys Couche, Zygmunt Bauman, Lucia Santaella, Stuart Hall, dentre outros, e buscaremos contribuir para uma reflexão, analisando os aspectos da globalização e das novas tecnologias, bem como toda essa revolução tecnológica no processo de hibridização nas comunidades locais e globais, o que se compreende por identidade. Fugiremos dos determinismos tecnológicos, mesmo compreendendo que muitos pontos desses deslocamentos e diásporas se confundem e entrelaçam com o uso da *internet* e suas ferramentas.

O presente artigo, em um primeiro momento, faz uma abordagem da globalização e seus processos e tenta mostrar como se constrói essa hibridização cultural, com a participação do uso das novas tecnologias. Em um segundo momento traz a tona questionamentos sobre a identidade em um mundo de globalização crescente, de alta penetrabilidade em todas as esferas humanas, sejam elas na social, cultural e econômica. Em um terceiro passo mostraremos através do caso estudado, o perfil do Suricate Seboso, o uso e apropriação da cultura e identidade, como uma reafirmação cultural de um povo num momento em que oscilamos entre o essencialismo e o não essencialismo, no universo globalizado.

Neste trabalho não temos a intenção de fazer um apanhado histórico, mesmo que panorâmico, dos vários discursos que representam a identidade cearense, mas faremos um sobrevoo nas diferenças, que muitas vezes, embora sutis, podem traduzir os discursos deste povo. O corpus da pesquisa será feito a partir das publicações do perfil do Suricate Seboso nas redes sociais, onde se pretendem apresentar alguns resultados dessa cearensidade traduzida por um núcleo imutável e atemporal, onde passado,

presente e futuro se encaixam numa linha ininterrupta, compartilhando signos e sentidos, possibilitando o reconhecimento das identidades culturais por meio da *internet* e suas ferramentas.

## **Globalização e as marcas de um mundo desterritorizado**

Uma nova ordem mundial parece fascinar todas as sociedades, a globalização atrai todas as gerações em um processo que parece ser inevitável e muito atraente. Estamos presenciando uma homogeneização das culturas, das sociedades, do mundo, amando ou odiando, isso não é novidade. Tem se percebido que desde o final da Segunda Guerra Mundial que ocorreu uma descentralização nos processos de informações e notícias, entendemos que foi a partir desse período que o fluxo de comunicação passou a circular com uma maior facilidade e quantidade, mesmo se tratando das culturas mais fechadas, o que tem se evidenciando é um maior acesso a outros modos de vidas.

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAN, 1999a, p.07).

Esse processo de globalização é visto por alguns estudiosos como uma possibilidade real do rompimento das fronteiras, o que podemos entender como uma possível quebra das barreiras entre os mundos desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma conexão direta entre o norte e o sul, possibilitando um conhecimento das diferenças, uma aproximação do estranho, um saber do outro, sendo assim, em tese um respeito maior pela cultura “exótica” que nesse mercado globalizado tem facilitado e aproximado os mundos, sejam eles desenvolvidos ou subdesenvolvidos, ficando evidente as diferenças, construindo uma postura mais social no que tange as questões de respeito e aceitação frente as marcas do multiculturalismo.

Por outro lado, como esses lugares estão se globalizando, surge uma nova forma de se fazer e entender a cultura<sup>2</sup>, tendo em vista, ser uma palavra rica e em muitos casos contraditória, adotamos neste trabalho, cultura no conceito dado por Paulo César Alves, e que podemos perceber é uma deslocalização da produção, que pode ser ilustrada como na indústria de automóvel, onde cada passo é feito em um lugar diferente, a cultura na contemporaneidade, as produções locais se fundem com a do global, ficando quase que impossível identificar e definir sua origem.

Com a facilidade de se comunicar e a velocidade da informação os lugares hoje estão globalizados devido a esse encurtamento que a *internet* possibilitou nas sociedades. As novas tecnologias permitiram o que antes era impossível: uma informação rodar o mundo em questões de minutos e por que não dizer em segundos, e com a ajuda desses recursos, o mundo parece ter diminuído suas fronteiras.

Portando, o mundo passa então por um processo que Giddens (1991, p.89) define como desencaixe: em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vivem em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana. Com o efeito, dessa fragmentação cultural, a homogeneização tem provocado principalmente nos jovens um distanciamento e desprezo pela cultura local.

No significado da palavra “globalização” está primeiramente implicada a idéia de “planetarização”, etimologicamente advinda do grego *plakso*, que significa nivelamento ou aplastamento das diferenças. Historicamente, o referente desse signo aponta para o início da Era Moderna, quando novos instrumentos técnicos possibilitaram as “descobertas” e uma visão global da terra, assim como a expansão do capital. Agora, indica a interconexão de economias parcelares (nacionais e relevantes) por um novo *modus operandi* e com auxílio de novíssimas tecnologias integradoras (SODRÉ in MORAES, 2002. p. 23).

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão dependentes de ações que dão e

---

<sup>2</sup> “Cultura” é uma expressão utilizada para representar desde o conjunto de valores, tradições e capacidades inerentes a condição humana até a afirmação de identidades nacionais de grupos e subgrupos. Refere-se ao enriquecimento do espírito, a valores e normas existentes em determinados contextos históricos e sociais (Alves P. C., 2010, p. 15)

interpretam sentidos, ações que elas não controlam (BAUMAN, 1999, p.08).

É neste espaço tecnologizado que a produção de bens simbólicos circula com maior facilidade, se criam-se novos códigos e a contemporaneidade vem sendo traduzida pela construção de novas identidades, através das infinitas possibilidades que a *internet* permite. Para Martín-Babero (2001), os meios digitais hoje são usados no processo de socialização, o sujeito contemporâneo usa dessas novas possibilidades de comunicação que se faz através de diversas plataformas dirigidas a uma grande diversidade de público. O que podemos perceber nitidamente é uma mudança provocada pelo uso das novas tecnologias nas práticas socioculturais, principalmente no campo da sociabilidade.

Os blogs, *twitter*, *facebook* e outras redes sociais passam agora a figurar como elemento importante na comunicação massiva, com funções não só de entretenimento, de alienação e distanciamento, mas como de (re) aproximação da cultura local, de proximidade da sua identidade cultural maternal em qualquer lugar do mundo. A globalização promoveu por meio da *internet* e do uso das novas tecnologias, uma via de mão dupla entre o que podemos chamar de aldeia local e aldeia global.

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...]. a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo (CASTELLS, 1999, p. 17).

No atual cenário hipermoderno, conceituaremos assim, embasado nos estudos de Gilles Lipovetsky, para falarmos do sujeito contemporâneo, surge um novo paradigma que vai além da televisão e do rádio, que se estabelece hoje com a influência das novas tecnologias de informação: as redes sociais têm se formado como fonte de difusão e disseminação de informações e notícias, e não só no campo das propagandas comerciais, mas nos estreitamentos dos laços culturais e valorização da cultura local diante de um mercado global e rápido.

A mídia exerce uma influência enorme sobre a sociedade e tem construído ao longo dos anos um papel muito importante junto a ela; por vivermos um forte influência da região sudeste, existia uma dificuldade de levantar a bandeira de sua cultura, mostrar sua identidade e com isso, fazer ser vista. Apesar da democratização no acesso a comunicação disponibilizado pelas novas tecnologias, ainda sofremos uma influência forte das regiões dominantes do país, pois o que se faz lá vira moda, como as vestes, as falas, as gírias e os hábitos, bem como, e, outrossim, novelas, os programas de televisão em geral retratam seus modos como padrão e o que não for igual ou parecido fica de fora, muitas vezes considerado brega, cafona ou exótico.

Em virtude da facilidade que a *internet* proporciona, é notório que o cenário está mudando, as redes sociais levam o infinito proposto pela globalização, os meios de comunicação foram desamarrados e uma diversidade de discursos liberta as sociedades de estereótipos, dando vez e voz a quem antes não podia falar, identificar e reconhecer. Não quero parecer determinista tecnológico, porém quero que possamos perceber que as novas mídias possuem variedades de bens e produtos a serem consumidos e um fato que deve ser levado em consideração é a afinidade do homem com a escrita, máquina, aplicativos, etc. - isso sim, deve ser considerado determinante na aproximação.

## **Identities in flux**

O conceito de identidade é estudado por diversos teóricos e o que se percebe é uma discussão nas áreas das ciências sociais em relação a esse tema. A identidade deve ser compreendida como algo que não é fixo, instável; algo que não parte do biológico e sim construída por vivências e experiências adquiridas com o mundo exterior. Segundo Hall (2011 p. 8), ao se discutir esse tema, afirma estarmos lidando com tendências

muito recentes e ambíguas, caracterizando esse conceito como “[...] demasiadamente complexo, muito pouco compreendido na ciência social [...]”. A identidade de um indivíduo ou de um grupo só pode ser entendida quando se coloca lado a lado com a de outro indivíduo ou de outro grupo.

Deve-se compreender que estamos lidando com algo que não é manipulado, que está relacionado a processos bem mais complexos, que tange na conduta de cada sujeito, na maioria das vezes ocorre de forma inconsciente, de difícil compressão, por estarmos vivendo em uma sociedade globalizada, cujos sujeitos, que aqui estão inseridos, em grande parte, comungam dos mesmos processos e sofrem as mesmas consequências dessa sociedade global.

Compreender as questões identitárias é ir além dos conceitos que se definem como aquilo que não é único, permanente e imutável. Nas perspectivas de Bauman, a modernidade tardia e os efeitos da globalização dispersam os fatores que mantêm a tradição e a valorização da história, do seu passado, devendo-se ao reflexo de um modo globalizado. Vivemos uma espécie de atualização contínua, em que a sociedade globalizada faz que sintamos uma necessidade de mudar, de correr, de transformar, como se precisássemos sempre de algo novo. As sociedades mais prejudicadas são as menos desenvolvidas, por não possuir poderes econômicos, essas sociedades tornam-se mais vulneráveis, a maior parte é, portanto influenciada pelas grandes potências, não se preservando e muitas vezes aniquilando sua própria identidade.

Conforme Denys Couche (1999), a identidade social se constitui por um conjunto de associações dentro de um sistema social, onde o sujeito está vinculado em diversos modelos, esses modelos são segmentados por diversos fatores, tendo como exemplo: idade, renda, classe social, sexo, país, etc. É através dessa identidade que o sujeito se coloca nesse espaço em que se localiza ao mesmo tempo que é localizado.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de osso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2011, p. 39).

Para existir uma identidade são necessários sujeitos e sociedade; a cultura então é compreendida como identidade de um grupo. O que percebemos hoje, é uma desvalorização das raízes locais, e dos hábitos e costumes transformados e um enfraquecimento dos valores regionais, e o que podemos observar facilmente são as

culturas fragmentadas. Os maiores questionamentos é viver no mundo culturalmente homogêneo, onde o local e o global se confundem em todos os aspectos, prevalecendo à cultura dos mais fortes, das classes dominantes, com isso, possibilitando um estranhamento das culturas, tornando as sociedades mais desiguais, aumentando ainda mais a rejeição, a intolerância e a migração, aniquilando as identidades maternas.

Hoje, percebe-se o aumento das chamadas identidades plurais, seja pela migração, seja pela influência da TV, do rádio ou da *internet*. Aquela chamada identidade do passado que nossos pais, tios, avós retratam, parece que se perdeu no meio do caminho, e o que se tem hoje, é essa nova identidade que foi criada por diversas influências, somando o passado com o presente, consciente ou inconsciente dentro de uma sociedade.

Nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora dela (HALL, 1997, p.26).

Existe um desejo de se ver cultura em todo lugar, buscar uma identidade em qualquer canto para todos. A cultura é o centro das articulações dos valores culturais e socioeconômicos, o que não é surpresa é essa “crise de identidade” que o sujeito hipermoderno, fragmentado, composto por identidade múltiplas, vive hoje. Segundo Woodward, a identidade é relacional e marcada pela diferença (2014, p.9); a identidade deve ser compreendida como algo que se constrói e reconstrói diariamente nos processos de negociação.

Para Barth, deve se tentar entender o fenômeno da identidade por intermédio das ordens das relações entre os grupos sociais (DENYS COUCHE, 1998, p. 128). São nesses espaços tecnologizados que fazem que esses modos de interações dos sujeitos sejam mais rápidos e intensos, as inclusive circulações de bens simbólicos, ajudando nas suas representações e escolhas na construção e no deslocamento de novas concepções de identidade.



Vivemos numa sociedade hierárquica, na qual a cultura dos sujeitos não é dada como herança e se constroem nas relações entre si, que são sempre relações de desigualdade entre o dominante e o dominado, a elite e o subalterno.

Toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Existe um limite que demarca uma identidade cultura da outra, que acaba estabelecendo o que está certo ou errado, dentro ou fora dos padrões (DENYS COUCHE. 1998, p. 149).

A identidade ao mesmo tempo em que identifica, ela também diferencia, tendo em vista esse processo de limitação; cada sociedade, cada sujeito pertencente à determinada identidade, se coloca diante uma diferença que na visão de Tadeu Silva (2014), se trata de uma questão original e até primordial. Em muitos aspectos são estabelecidos certos comportamentos para não se sentirem discriminados ou fora dos padrões estabelecidos pelas classes dominantes. Diante disso, se estabelecem comportamentos de afirmação cultural, através de uma busca contínua por visibilidade e aceitação o que é entendido por este autor como produto derivado da identidade.

A cultura é algo muito peculiar de uma sociedade, o que a torna como aspecto diferente, exótico, na formação da identidade de um povo visto frente a outras sociedades, porém, mesmo com essa homogeneização da cultura que tem se configurado nesse mundo globalizado, são os elementos que formam a identidade não-essencialista, as comunidades produzem valores, costumes, padronizam hábitos e isso funciona como uma elo de conexão entre as gerações, as experiências são influenciadas.

Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados (KATHRYN WOODWARD, 2014, p 42).

Na contemporaneidade os sujeitos têm uma acesso mais fácil e um poder de penetrabilidade em culturas de diversos países, onde consomem e se apropriam diariamente de novos hábitos e costumes. O que deve ser levado em consideração não é a diferença das sociedades, e sim, como isso tem influenciado na (re) construção das identidades revelando o que alguns teóricos definem como “crise de identidade”,

ocasionada pelas transformações das sociedades contemporâneas que tem descentrado e deslocado o sujeito.

O que acontece no Estado do Ceará, falas, gírias, questionamentos e inquietações da identidade cultural do cearense, em questão de segundos, podem ser absorvidos em qualquer parte do mundo, uma vez que as fronteiras se encurtaram e laços se estreitaram. Os sujeitos estão mais “abertos” para novas experiências, e diariamente estamos diante de produções simbólicas que são marcas da nossa identidade, as pessoas marcam e são marcadas, e é isso que fortalece a representação dos grupos, compreendendo que a identidade passa por uma construção não só simbólica, mas também social.

## **O caso suricate seboso**

O Suricate Seboso ganhou fama no *facebook* com uma linguagem tipicamente cearense, de fácil entendimento não só no Ceará mas em quase todo o nordeste, traduzindo uma cearensidade com ditados populares. Com quase dois milhões de fãs na rede social *facebook*, o personagem fez tanto sucesso que ganhou coluna em um jornal do estado, virou “garoto propaganda” de uma rede de óculos, ganhando espaço na TV, jornais e *outdoors*. Hoje seu nome virou marca forte, tanto que empresas de diferentes segmentos pagam para serem associadas em suas postagens.

Há muitos estudos sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade, as discussões sobre o processo da audiência e recepção tem provocando muitos questionamentos. Diante desse cenário globalizado que vivenciamos na contemporaneidade, a presença das redes sociais no nosso cotidiano é cada vez mais evidente e o processo de informação parece que tem chegado mais próximo do sujeito, mesmo que na tela do seu computador, celular, *tablet*, algo tão pessoal, fazendo que absorvam valores e importando hábitos e costumes de diversas culturas.

Figura 1: Campanha do dia dos namorados para uma marca de óculos.



Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*.

Uma questão central nos estudos sobre a “identidade” vem ganhando notoriedade nos dias atuais por se tratar da (re) construção regional das identidades e etnias. O Suricate Seboso trabalha como uma reafirmação cultural de um povo em um momento em que oscilamos entre o essencialismo e o não essencialismo, diante de uma realidade que muitos se opõem a esse *ethos* da sua essência, que aqui chamamos de cearensidade, o perfil do Suricate Seboso, vem transformando uma série de dúvidas relacionadas à fala, ao modo de se portar, reagir, e se comunicar, sinalizando uma possível crise de identidade.

Tornou-se difícil minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham em nossa vida psíquica, social, cultural, política e econômica. Em número recente da revista Exame, encontra-se um artigo em que as redes sociais são colocadas como o quarto grande marco da evolução dos computadores. (SANTAELLA, 2013, p.35).

As postagens do Suricate Seboso caminham a uma (re) construção da identidade, na qual seus seguidores, amigos de seguidores e outros formam um movimento, em que se unem de acordo com um sentimento de pertença, e através das semelhanças e diferenças, influencia no fortalecimento e construção dessa identidade cearense, uma valorização da cultura local.

O criador do personagem, em entrevista ao site G1 Ceará, comenta que resolveu criar um personagem que retratasse as coisas do Ceará, e que para chegar nesse resultado, buscou influências de outros personagens virtuais de outros estados do nordeste<sup>3</sup>. Diego Jovino

<sup>3</sup> O perfil do “bode gaiato” influenciou na construção do suricate seboso.

justifica a escolha do animal: "Pesquisei animais regionais, mas não encontrava muitas opções. Quando procurei o Suricate, tinham várias formas, ele de todo jeito. Achei mais caricato e ele também tem um jeito mais de ser humano, fica em pé". Já o nome do personagem, Seboso, veio da mania do cearense de chamar por alguém "frescando", fazendo brincadeiras (G1, 2013, *online*).

Jovino fala que o bom humor é o carro chefe desse trabalho e ressalta que o sucesso do personagem se dá por meio do sentimento de pertença do sujeito: "É quando a pessoa não tem vergonha ou não se esconde das suas origens nordestinas e tem muito orgulho das marmotas do seu povo" (G1, 2013, *online*). O personagem é considerado uma celebridade na região, faz show, tem canal no *youtube*, coluna em jornal etc. O alcance semanal com as mídias, *facebook*, *instagram*, *youtube* chega a mais que cinco milhões de pessoas. Diego reconhece a responsabilidade que o personagem exerce no meio e reconhece a influência que o Suricate Seboso exerce hoje.

Para produção dos conteúdos, o que podemos perceber são expressões e referências que fazem parte do mundo cearense, representação de quem vive ou viveu essa identidade. O sucesso pode ser atribuído pela lacuna que existia nesse espaço virtual antes não havia algo que os cearenses pudessem se identificar, as expressões compartilhadas eram de outros estados, outra cultura. A autora Lucia Santaella (2013, p.40) propõe um olhar no que toca essas relações hoje: "Os processos culturais e comunicacionais propiciados pelos ambientes do ciberespaço agora tornam evidente, colocam a nu e incentivam aquilo que antes não eram tão fácil de ser detectado: a multiplicidade identitária do sujeito".

O Suricate trouxe à tona o jeito do cearense de falar, ações corriqueiras vividas por esse povo. O que podemos evidenciar é um orgulho, uma valorização do jeito tipicamente cearense que o Suricate Seboso refletiu nesse espaço. Podemos citar algumas expressões de sucesso, "armaria nam", que vem da "ave, Maria", significa negação, vamos "botar boneco", que significa se divertir, extrapolar, teimosia, provocar confusão, (essa expressão é tão forte no estado que foi dita pelo ex-beatle Paul McCartney em um show realizado em Fortaleza, capital do Estado) e "uri cumpadi", um espanto, espécie de exclamação.

Figura 2: Dialetos cearense.

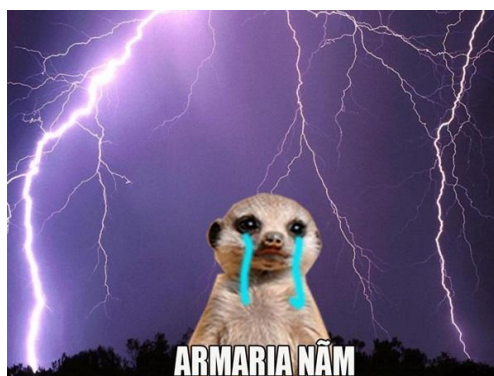


Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*

As grafias das palavras postadas levam a oralidade e autenticidade; são preservados nas escritas o jeito como são ditas nas ruas e o criador ressalta: “A gente escreve do jeito que fala propositalmente. A ideia é escrever o jeito que a gente fala”, e os seguidores e admiradores do personagem ajudam na construção das falas, enviando diariamente sugestões de postagens. Com mais de cem mensagens por dia, é feita uma triagem das melhores situações e expressões vistas no Ceará para publicação.

Com a seriedade do personagem, seu criador hoje estuda literatura, assiste aos vídeos de cineastas cearenses, e procura ficar por dentro de todos os acontecimentos do Estado. Como o personagem cresceu muito, conta com ajuda de dois amigos, Eduardo Souza e José Viana, que atuam basicamente na atualização e monitoramento das outras redes sociais, *twitter*, *instagram* e *youtube*.

Figura 3: Dialetos cearense.



Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*.

O mais interessante de tudo é que esse fenômeno virtual tem alcançado todas as regiões do país, cruzado fronteiras e aproximando os sujeitos. Com o sucesso entre conterrâneos e admiradores do "jeito cearense de ser", internautas de outros países como Alemanha, Portugal, Estados Unidos, México, Itália, tem acessado seu perfil nas redes sociais, em estatísticas oficiais divulgadas por Diego Joviano e como um bom cearense, defende que há um cearense em cada lugar do mundo.

Mesmo com as turbulências geradas pela globalização, existe uma valorização cultural que ajuda nessa integração. A compreensão dos dialetos fica muitas vezes comprometida, pois quem não pertence ou pertenceu àquele lugar, precisa de ajuda para tradução do significado real, temos como exemplo o que ocorreu com o longa-metragem produzido no Ceará, intitulado como “cine hollíúdy”, esse filme é todo falado com dialetos cearense que foi rodado no país com o recurso de legendas para poder ser entendido, essa produção teve um alto índice de aceitação e ganhou vários prêmios em diversos festivais. O interessante é enxergar essas práticas e costumes locais, como parte da identidade de um povo e patrimônio cultural.

## **Considerações finais**

O objetivo desse trabalho foi abrir uma discussão sobre os efeitos causados pela globalização e o uso das tecnologias na sociedade. Discutimos a contribuição da *internet* no processo de desterritorialização nessa cultura contemporânea e ao mesmo tempo pudemos identificar o papel inverso que vem sendo estabelecido com o auxílio das novas tecnologias nos processos e práticas culturais. Com a democratização na distribuição de bens simbólicos se faz possível uma reterritorialização num processo paralelo de uma ideologia globalizante.

Quando abre espaço para veiculação de conteúdos antes discriminados, se caracteriza uma democratização dos bens culturais, escapando dos administradores culturais, fugindo do domínio, possibilitando as consideradas subculturas e identidades exóticas falas nesse novo cenário. As individualidades e os aspectos específicos de cada lugar são reconhecidos e seus conteúdos ganham espaços e audiências.

Sai de cena a interferência de interesses globais muitas vezes camufladas de uma ideologia globalizante, presentes nas culturas mais fortes, e por intermédio desses efeitos desterritorializantes das culturas locais evidenciados claramente em países em desenvolvimento, ou como no caso do Brasil um país com dimensões continentais, a *web* apesar desse caráter globalizante, possibilita na sociedade em rede diferentes apropriações e os usuários podem customizar, aproximando pessoas, oferecendo conteúdos que aproximem as diferenças culturais que muitas vezes não possuíam espaço nos meios de comunicação tradicionais.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUCHE, Denys. **Cultura e identidade**. In: *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 1998.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 2, 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 2006.

LEMOS, André (Org.). **Cibercidade: As cidades na cibercultura**. Disponível em: <[http://www.e-papers.com.br/apresenta.asp?codigo\\_produto=447](http://www.e-papers.com.br/apresenta.asp?codigo_produto=447)>. Acesso em: 23 de maio de 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ALVES, Paulo César (Org.). **Cultura: múltiplas leituras**. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010.

PRIMO, Alex. **A internet em rede** / organizada por Alex Primo. Porto Alegre: Ed.Sulina, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como neobarbárie**. In: MORAES, Dênis (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.), HALL, Stuart, WOODWARE, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2014.

SURICATE Seboso faz sucesso com expressões cearenses e vira negócio. **G1**: 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/09/suricate-seboso-faz-sucesso-com-expressoes-cearenses-e-vira-negocio.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.